



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A poética clássica: os legados de Platão, Aristóteles e Horácio, numa perspectiva contemporânea e pessoal⁷⁰

Por: Paulo de Tarso Cabrini Júnior⁷¹

ptcj23@gmail.com

Resumo

Este artigo propõe a discussão dos legados de Platão, Aristóteles e Horácio para a arte ocidental, com especial atenção ao primeiro. Apresentaremos uma breve explicação das artes poéticas de cada um e faremos uma discussão que conclui pela exortação a uma recuperação do legado platônico, em nossos dias.

Palavras-chave: Filosofia; Literatura; Utopia.

Resumo

Ĉi tiu artikolo proponas la diskuto de Platono heredaĵo, Aristotelo kaj Horacio al okcidenta arto, kun speciala atento al la unua. Ni donu mallongan klarigon pri la poezia artoj de ĉiu kaj fari argumenton kiu finas la admonon al rekiro de la platonaj heredaĵo hodiaŭ.

Ŝlosilvortoj: Filozofio; literaturo; Utopio.

Abstract

This article is meant to discuss the legacy of Plato, Aristotle and Horace to the Western art. In first place, we will present a brief explanation about the poetics of each author. Then, we will discuss each of them in a very personal way, ending with a firm exhortation to the public on the need of recovering the platonic legacy.

⁷⁰ Publicado originalmente em IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica, abril/ 2017, Ano III, v. III, número XI.

⁷¹ É Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, é Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, é Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, é graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER e é Técnico em Processamento de Dados pelo Colégio Técnico Industrial Isaac Portal Roldán – UNESP – Baurú. É servidor público federal, docente de Letras da carreira do magistério superior, lotado na Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, é docente na Faculdade de Tecnologia de Baurú – FATEC, atua na Organização Aparecido Pimentel de Educação e Cultura. Atua nas Linhas de Pesquisa sobre Estudos sobre letramento em língua materna e estrangeira e letramento literário e na de Estudos de cultura, linguagens e suas manifestações. É Coordenador no Projeto de Pesquisa “A Literatura nas áreas tecnológicas” e no Projeto de Extensão “Dúvidas de Português”. É revisor do periódico “Boletim informativo da FATEC Baurú”. É autor de artigos científicos em periódicos especializados nacionais. É autor dos livros “Vivendo o golpe” (2016), “Estrada” (2012), “Os radicaes livres” (2011), “Camilo Pessanha e o Tao Te Ching” (2011) dentre outros.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Key words: *Philosophy; Literature; Utopy.*

Segundo Anatol Rosenfeld, no clássico *O Romantismo*, de Jacob Guinsburg, a palavra “clássico” refere toda a produção artística digna de ser ensinada nas “classes”, ou seja, nas escolas (GUINSBURG, 2002, p. 262).

Segundo essa perspectiva, autores clássicos seriam aqueles considerados modelares, dignos de serem imitados e estudados, e (num termo mais religioso), canônicos.

Em História, a palavra “clássico” refere certas épocas da Humanidade que foram consideradas, também, modelares, brilhantes, magníficas, por conta de algum feito, ou uma série de feitos que a tornaram positivamente relevante em termos éticos e/ou estéticos. Muitas vezes, essas épocas recebem o nome de Idade de Ouro.

Trataremos, neste artigo, da poética clássica ocidental, tratados de poesia considerados modelares, produzidos, também, em épocas consideradas modelares. Seriam, portanto, poéticas clássicas nos dois sentidos da palavra.

Mas, malgrado a importância e relevância de outros tratados, focalizaremos a atenção em três que consideramos os principais. Em primeiro lugar, falaremos a respeito de Platão, filósofo grego que viveu no século 5º antes de Cristo.

Discípulo de Sócrates, com quem conviveu, Platão elaborou toda a sua obra tendo como base os ensinamentos do mestre, e fez dele o personagem central de todos, ou quase todos os diálogos que compôs, sendo o mais famoso aquele que se intitula *A República*.

Seguindo as pegadas de seu mestre, Platão não se dedicou à construção de uma poética, ou, seja, de um *corpus* de ideias e conselhos específicos sobre a arte literária: suas opiniões a respeito do assunto estão dispersas em muitas obras, principalmente n’*A República*, e mormente no livro décimo dessa obra.

No que concerne à arte literária (e às artes, em geral), as ideias de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Platão/Sócrates têm sido combatidas, ao longo dos tempos, por se mostrarem completamente avessas à livre-expressão do pensamento, e mais sensíveis à regulação da expressão artística, em prol da construção de um Estado social estável.

Por essa mesma razão, porém, elas têm obtido, ao longo do tempo, um grande respeito. Entendamos essa contradição.

Para Platão/Sócrates, a literatura, entendida como arte imitativa, deve respeitar, em primeiro (e único) lugar, a Filosofia, arte de se procurar, por meio do diálogo racional, a Verdade última e absoluta. Somente obras escritas de acordo com essa Verdade poderiam contribuir efetivamente para a formação de cidadãos de bem, para a sociedade – fim último, almejado por toda sua filosofia.

A investigação da Verdade empreendida por Platão e por Sócrates se dá por meio da dialética, sistema pelo qual as nossas opiniões são discutidas em seus fundamentos, levando a uma depuração de preconceitos e erros, e permitindo o vislumbre da Verdade pura. Ao aplicar esse método em seus diálogos, Platão demonstra, em *A República*, que as artes imitativas de seu tempo (música, poesia, teatro e pintura) induziam a juventude e os leitores (ou ouvintes) a graves erros, introduzindo ritmos “laxos”, por exemplo, onde se fariam melhores os ritmos “enérgicos” ou “pacíficos”. Consentia-se que a sociedade fosse induzida à preguiça e ao efeminamento, por meio de ritmos “moles”. Do mesmo modo, ideias errôneas a respeito das divindades seriam introduzidas com grande eloquência, e ações indignas seriam disseminadas com grande poesia e suficiente arte retórica. A arte estaria, assim, sacrificando o bem-estar da sociedade, quando ela deveria ser sacrificada em prol do bem-estar, da saúde do organismo social.

As ideias de Platão/Sócrates adquiriram, portanto, grande respeito, pela responsabilidade que atribuíam às artes, consideradas na sua função social; mas, por isso, também, foram, e são muito combatidas, por darem margem à formulação de restrições à liberdade de criação e de expressão.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A utopia, construída em *A República*, é comentada pelos próprios personagens do livro: em vários pontos, Sócrates/Platão admitem a impossibilidade ou as grandes dificuldades de se implantar a República ideal. A fabricação de utopias, na literatura ocidental, terá, porém, larga voga, em todas as épocas. Platão está bem consciente de que mudanças profundas são difíceis de serem produzidas, mas, não impossíveis. Assim, um leitor de *A República* pode ficar fortemente atraído pela ideia de que a literatura e as artes, em geral, precisam da Filosofia, senão para a criação, pelo menos, para garantir a divulgação de obras concordantes com o Belo e o Bom filosóficos.

Que a criação de obras de arte seja livre, isso se depreende da leitura do livro; mas, a circulação, a divulgação, deveriam ser, segundo Platão/Sócrates, responsáveis, cuidadosas.

É importante notar que as obras que causariam instabilidade na República não deveriam ser consideradas todas errôneas, mas, apenas aquelas que mostrassem pendor de desviar os homens da Verdade. E, somente um Estado filosófico, dedicado à busca e à apreensão da Verdade, estaria em condições de medir, julgar, de censurar ou repelir as obras que claramente fossem desvirtuantes da sabedoria.

Ao longo da história, tivemos muitos estados guiados por razões superiores aos interesses mesquinhos de nossa espécie. Mas, desnecessário dizer, esses exemplos não são frequentes, e, muitas vezes, colocam-se até no plano mítico, tal como o reinado do imperador Yao, na China. Raramente, o Estado será visto como um ente que contempla universalmente o bem-estar da Humanidade. Assim, a liberdade de expressão se sobressai ao bem-estar moral, ético e estético da sociedade, e, em vista de uma falta de líderes esclarecidos pela dialética, como diriam Platão/Sócrates, muito longe de nós está uma regulação racional e sensata dos meios de comunicação e das manifestações artísticas e literárias. Estamos, portanto, mais ou menos longe da República idealizada por Platão, a depender do esclarecimento dos líderes que tomem as rédeas das nações e lhes proporcionem uma educação racional.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Apesar dessas dificuldades, o ideal platônico do “rei filósofo”, ou dos “governantes esclarecidos”, está longe de acabar, como influência e busca dos povos.

Mas, resumindo o legado de Platão (e de Sócrates) para a literatura, temos: 1) a filosofia, também chamada, indistintamente, de dialética, deve estar acima e à frente de todas as artes imitativas (ficcionais); 2) a saúde moral-ética-estética de uma sociedade está acima de quaisquer outros interesses individuais, inclusive o interesse meramente egoísta da “liberdade de expressão”; 3) a literatura, assim como outras artes, tem uma responsabilidade social, pelas ideias que divulga, e a seriedade do trabalho dos artistas imitativos, portanto, é redobrada; 4) não há beleza que supere a Verdade, e, assim, seria preferível viver sem arte do que ser desviado do curso natural e saudável da Vida.

Desnecessário dizer que a influência de Platão sobre a literatura foi enorme, mas, necessário frisar que seus conselhos não encontraram tanta guarida quanto os de seu mais famoso aluno: Aristóteles.

Aluno de Platão na Academia, Aristóteles, porém, desenvolveu uma filosofia que diferiu em muitos pontos da de seu mestre.

Enquanto Platão se inclinava para a matemática, como ciência reguladora da filosofia, Aristóteles via na biologia um ponto de atração maior para desenvolver seus “sistemas orgânicos” de pensamento. Portanto, em termos gerais, o cálculo aplicado por Platão foi substituído pela observação do comportamento, empreendida por Aristóteles. Isso explica certa “isenção”, no pensamento deste último, onde antes havia a “decisão” platônica, baseada no pensamento dialético.

Aristóteles parece mais interessado em “como” as coisas funcionam do que em como elas “deveriam” funcionar. Esse é um dos motivos pelos quais Aristóteles é considerado geralmente como filósofo “realista”, ao passo que Platão é considerado um filósofo “idealista”, e isso de maneira pejorativa.

Sobre a poesia, ou, sobre as “artes imitativas verbais”, Aristóteles nos deixou



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma *Arte Poética*, texto fragmentado em que analisa a composição das obras literárias de sua época, focalizando os três gêneros principais: a epopeia, a tragédia e a comédia. Muito influente após o século XV, quando foi largamente divulgado, o texto de Aristóteles estabelece uma conexão entre a forma e o conteúdo das obras literárias, esclarecendo que as epopeias se desenvolvem numa linguagem elevada, de tonalidades nobres, muito apropriada ao assunto guerreiro e antigo celebrado pela memória de todo um povo. As tragédias, por sua vez, desenvolver-se-iam também numa linguagem elevada, combinando com a nobreza do assunto. E as comédias se desenvolveriam numa linguagem baixa, apropriada ao riso e ao assunto tratado.

Mas, além de esclarecer seus leitores a respeito da adequação da linguagem à matéria (ou, conteúdo), Aristóteles explora, em sua *Poética*, a função terapêutica da arte imitativa: ao ver os personagens e heróis retratados, o leitor, ouvinte ou espectador tem uma experiência de espelhamento que lhe produz a *catharsis*, ou purgação das emoções, experiência do outro em si; com isso, maus sentimentos e más ações do auditório poderiam ser “purgadas” por meio da ação dos atores; além de postular essa função para a literatura, Aristóteles postula, também, uma origem comum para todas as artes imitativas (ficcionais): a própria Natureza, que faz dos homens seres desde a mais tenra idade afeitos à imitação.

Na sua *Arte Poética*, Aristóteles obedece ao pendor naturalista, investigando a organicidade das obras literárias, vendo o que é apropriado a cada gênero, e fazendo notar quais seriam os defeitos a serem corrigidos antes de se lançar uma obra ao público. Mas, esses defeitos seriam de natureza formal, e não conceitual, como em Platão. Aristóteles não se preocupa com a prerrogativa de o escritor ser um filósofo, e admite, para os gêneros literários, um caráter muito livre do próprio autor, como se se tratasse de um organismo espontâneo da natureza. Tragédias, comédias e epopeias nasceriam, então, com todos seus possíveis defeitos filosóficos, apenas da necessidade imitativa do homem, e cumpririam, assim, sua função. A literatura seria um organismo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

independente de seus autores, que estariam isentos da moral veiculada, e apenas vinculados à imitação fiel do modelo natural.

Mais tarde, o poeta latino Quintus Horatius Flaccus, conhecido entre nós como Horácio (séc. I a. C.), dirigiu uma carta à família dos Pisões, conhecida, também, como *Arte Poética*, ou simplesmente *Epístola aos Pisões*.

Divulgada também a partir do século XV, época em que abundaram as traduções e os estudos sobre a Antiguidade greco-latina, a *Arte Poetica* de Horácio repete muitas das ideias colocadas por Aristóteles, tais como a organicidade necessária às obras literárias (sem a qual não há unidade, adequação e pertinência, por exemplo), e outras ideias que muito lembram os ensinamentos platônicos, tais como a semelhança entre a literatura de ficção e a pintura, ambas “artes imitativas” que procuram reproduzir o mundo, retratar as coisas sensíveis.

No entanto, apesar da bela meditação sobre o cuidado prévio na construção das obras, que deviam sim ser “orgânicas”, a marca distintiva de Horácio como produtor de uma arte poética é a insistência com que marca a necessidade de trabalho nas composições literárias. São suas, principalmente, as imagens muito frequentes, em nossa cultura, do escritor como “ourives”, “ferreiro”, “escultor”, “de cinzel na mão”.

A influência de Horácio sobre os escritores posteriores foi imensa, assim como a influência de Aristóteles, de tal modo que podemos facilmente falar de uma influência aristotélico-horaciana sobre a literatura produzida na Europa e nas Américas dos séculos XV e posteriores.

Mas, chega o momento de retomarmos os nossos autores, a fim de sistematizar o assunto exposto.

Nosso objetivo era o de expor as ideias principais de cada um a respeito da literatura, e assim determinar uma linha sucessória que, apesar de existir, nunca foi bem explicitada em nenhum estudo de literatura.

Quando vimos Platão, tivemos o ensejo de pensar no valor dado à filosofia,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

em nossos tempos, e em todos os tempos: qual a filosofia que ampara nossas vidas? Qual a filosofia por trás da busca de “crescimento econômico”? Qual o papel da arte? Qual a filosofia que ampara a arte, em nosso tempo? Qual a validade de uma regulação das artes, num ambiente não dominado pela virtude? Em que medida temos a necessidade de elevar as virtudes como governantes de nossas vidas?

Inevitavelmente, Platão nos leva a lembrar de outro filósofo quase seu contemporâneo, mas que viveu em outra parte do mundo: Confúcio, filósofo chinês que ensinava: as virtudes praticadas pelos governantes emanavam ao povo, regulando, por si mesmas, os costumes e as artes praticados pelas pessoas. A filosofia estaria, então, na própria constituição do Estado, e os melhores homens seriam os dirigentes da nação. No entanto, é preciso lembrar e frisar que por “filosofia” entendiam algo muito específico, e não seria qualquer sistema filosófico digno desse nome; apenas os que conduzem os homens ao Bem e à Verdade supremos.

Evidentemente essa visão de um Estado emanante de virtudes pode se confundir com meramente um Estado teocrático, já que as virtudes exemplificadas por personagens religiosos são identificadas, no mais das vezes, com certas práticas e manifestações superficiais de adesão. Em outras palavras: o fato de um Estado se identificar com uma religião (que é algo, necessariamente, virtuoso) não faz dele automaticamente um emanante de virtudes, mas frequentemente um simulacro delas. Para ser efetiva, a transformação da sociedade em virtuosa depende de uma firme vontade governamental em sê-lo sem simulacros, o que tem se provado impraticável, desde os tempos de Platão e Confúcio. Permanece como necessidade, no entanto.

Uma cultura degenerada dos Bens universalmente reconhecidos pode atribuir seu descaminho a um governo degenerado. Mas, isso não é suficiente para esquecer a responsabilidade individual pela escolha entre o Bem e a desvirtuação. Ainda assim, ainda que o indivíduo seja responsável por sua aderência às Virtudes, é necessário considerar o peso de governantes corruptores no ambiente espiritual em que o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

indivíduo está envolvido. Mais independente deste ambiente, o sujeito pode viver de acordo com suas aspirações mais nobres. Conseguir essa independência tem sido tarefa reiteradamente aconselhada por muitos mestres do caminho espiritual e terreno. Mas, inocentemente, muitas pessoas recebem a carga de pensamentos afeitos à grosseria, e podem desejar o governo virtuoso.

Dentre todos, os melhores deveriam governar, e ao fazê-lo exerceriam a sua influência sobre os outros. Mas, como escolhê-los?

Falta-nos recordarmos dos grandes mestres, aqueles que ensinaram o caminho da virtude. Assim, temos um parâmetro seguro.

É de fato muito tentadora a ideia de considerar as artes como reflexo do governo. Mas, ao contrário de Platão, Aristóteles considera a arte como algo de inteira responsabilidade dos artistas, que não seriam filósofos, necessariamente. Como indivíduos, os artistas seriam responsáveis apenas pela circulação de *pathos* na sociedade. Sua responsabilidade, em relação à filosofia, seria nula. Aristóteles, assim, contribui para a criação de um espírito de destacamento do indivíduo em relação a corpos sociais maiores. Diminui a sua responsabilidade social. Sendo menos comprometido com a filosofia tal como Platão a entendia, Aristóteles servia mais a um instrumental prático e técnico, isento de metafísica, apesar de ter escrito um livro com esse nome.

O grande problema está em que a sociedade ocidental combinou o cristianismo a religiões e filosofias anteriores, para criar sua mundivisão, e se há um filósofo que combina com os ideais cristãos é Platão, ao invés de Aristóteles, largamente utilizado por São Tomás de Aquino para estabelecer o elo entre o cristianismo e a Antiguidade greco-latina. Se a intenção foi a de inaugurar um governo virtuoso pela adesão à cristandade, Aristóteles parecia o menos adequado dos filósofos para concebê-lo, por sua falta de transcendência.

E, como a arte ocidental se pautou basicamente pela dupla



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Aristóteles/Horácio, vemos que ela se tornou individualista e descompromissada, ao invés de universal e responsável, pois não há, em Aristóteles, nenhum ensejo de vincular as artes a uma prática e ao conhecimento das virtudes humanas. Essa necessidade, esse vínculo, aparece muito sutilmente na *Arte Poética*, já que fica subentendido que os artistas devem conhecer profundamente a Humanidade. Esse mesmo esforço de conhecimento é sugerido pela leitura da *Epístola aos Pisões*, de Horácio. Mas, somente em Platão o problema é colocado de forma clara.

Portanto, reler Platão é uma boa oportunidade de relembrarmos o papel das virtudes e da filosofia como parâmetro dos julgamentos e das escolhas. A crítica precisa se libertar de sugestões desvirtuantes e se lembrar do eterno.

Referências

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 2005.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edipro, 2012.

CONFÚCIO. **Os Analectos**. Porto Alegre: LP&M, 2007.

GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

HORÁCIO. **Epístola aos Pisões**. Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira, 1794.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Atena, Coleção Biblioteca Clássica, 1959.